

# **O último ato; da melancolia ao suicídio: a busca do objeto idealizado.**

Marcos Francisco dos Santos<sup>1</sup>

Carlos Antonio de Sá Marinho<sup>2</sup>

## **Resumo**

Este estudo objetivou compreender a melancolia, suas vicissitudes e a sua capacidade de conduzir o melancólico ao suicídio. Trata-se de uma pesquisa qualitativa explicativa de caráter bibliográfico a partir de uma revisão de literatura, utilizando fontes primárias e secundárias e tendo como base de fundamentação a teoria psicanalítica. Observou-se que a melancolia, afecção que se constitui a partir das relações de perdas objetais ou ideativas e se caracteriza por processos de autopunição e empobrecimento do Eu tem início e funda-se na ambivalência afetiva. Essas perdas, que fogem a consciência do melancólico e por esse motivo falta-lhes elaborações, conduz o doente a assumir uma postura de autopunição que encontra respostas na dinâmica psíquica de identificação e internalização no Eu dos objetos perdidos. Esse movimento provoca uma cisão e o surgimento de uma instância crítica, superegógica que engendra o processo de autopunição. Esses atos cometidos pelo melancólico podem culminar no suicídio, um último ato que, fundamentado em uma fantasia inconsciente do suicida, pode promover o encontro com o objeto idealizado que fora perdido e a fuga do sofrimento imposto pela melancolia.

**Palavras-chave:** Melancolia. Suicídio. Objeto Idealizado. Ambivalência.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo propõe discutir a melancolia e a sua relação com o suicídio. Para este fim tomamos por fonte principal os estudos de Sigmund Freud sobre o luto e a melancolia de 1917 e sua construção teórica em torno das ideias de pulsão, narcisismo, objeto e suicídio. Pensar a melancolia na atualidade pode causar certa confusão terminológica devido ao uso

---

<sup>1</sup> Concluinte do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA) E-mail: marcosantospsi81@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Orientador Especialista em Administração Escolar e Planejamento Educacional pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professor do curso de Psicologia do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA), psicólogo, CRP 02/10729. E-mail: carlosmarinho@univisa.edu.br

pela psiquiatria e por outras abordagens da psicologia do termo depressão para designar o estado melancólico descrito por Freud. Atualmente o termo depressão tornou-se um sinônimo da melancolia para muitos teóricos. Privilegiaremos a utilização do significante melancolia para designar esta afecção que tem na perspectiva psicanalítica a depressão como seu sintoma.

As relações encontradas nos estudos Freudianos e em diversos autores entre a afecção melancólica e o suicídio estão expostas neste trabalho bem como as demais vicissitudes que este estado provoca na vida psíquica do sujeito. Tendo por objetivo de compreensão do ato suicida, este mistério cercado de desinformações e tabus conduziu o entrelaçamento das pesquisas e a busca por apontamentos que auxiliem nesse processo.

Para chegada a este objetivo, foi realizada pesquisa bibliográfica de caráter explicativo, uma revisão atual da literatura sobre a temática proposta que aponta no que se refere as relações objetais por parte do sujeito suas implicações e desdobramentos frente às perdas de objeto.

A partir de uma compreensão histórica e a sua entrada na teoria Freudiana, a melancolia é entendida em sua relação com a perda. Destaca-se a maneira pela qual se diferencia do luto, à medida que na melancolia as perdas são vividas como um empobrecimento interior que acarreta uma cisão e depreciação do Eu.

Ao abordar a temática do suicídio o estudo propõe compreender a busca do melancólico por um objeto que após sua perda, fora internalizado e se tornou objeto ideal e está presente nas fantasias do melancólico, engendrando em sua psique o suicídio não como desejo de morte, mas sim como encontro com esse objeto e desencontro com o seu sofrimento causado pela perda. Esta força mortífera presente na melancolia foi postulada por Freud e os demais autores como pulsão de morte, que provoca o ser para a autodestruição, almejando, paradoxalmente, sua recriação.

Na melancolia é possível encontrar traços de uma relação com o objeto a partir de identificações e escolhas fundadas sob a ambivalência afetiva. Essa perda não elaborada conduz o melancólico ao estado de empobrecimento do Eu e a um processo de autopunição, que, na tentativa de punir o objeto perdido que encontrou abrigo no Eu, provoca com base no sadismo que fora convertido em masoquismo a autodestruição do sujeito. O melancólico é caracterizado entre outras coisas por seus atos. Recriminações, autopunições, desnudamentos morais e a possibilidade de condução à um último ato: o suicídio

## **2 A TEORIA PULSIONAL E AS RELAÇÕES OBJETAIS: INVESTIMENTO LIBIDINAL E AS INEVITÁVEIS PERDAS OBJETAIS**

## 2.1 A TEORIA PULSIONAL E O INVESTIMENTO LIBIDINAL

Freud (1915/2013), no desenvolvimento de sua teoria pulsional, postula o conceito de pulsão sexual caracterizando-a como sendo um estímulo para o psiquismo, logo, empenha-se em esclarecer sua diferença de outros estímulos, estes, de origem fisiológica; para estabelecer essa diferenciação denomina-os estímulo pulsional e estímulo fisiológico, respectivamente.

O estímulo pulsional possui na teoria Freudiana a característica de uma força constante, advinda do interior do próprio organismo, tornando a fuga uma opção ineficaz contra ele; destarte, a percepção de estímulos internos contra os quais a ação de fuga é inútil, evidencia a existência de uma necessidade pulsional presente no mundo interior do sujeito (*Ibid.*).

Colaborando com esse pensamento Nasio (1995), afirma que na vida psíquica a tensão tem um caráter inesgotável, enquanto há vida, permanece a tensão psíquica.

Evidencia esse entendimento a colocação de Jorge (2010), que expõe o caráter imperioso e exigente da pulsão. “Ela exige, a todo custo, satisfação, jamais renunciando a obter a satisfação que almeja” (p.133).

Elaborando o conceito de pulsão, Freud apresenta alguns termos relacionados com sua teoria: pressão, meta, objeto e fonte. Por pressão entende-se o caráter ativo da pulsão; a meta da pulsão é sempre a satisfação, mesmo que parcial; o objeto da pulsão é aquele que permite a pulsão alcançar a sua meta, ou seja, a satisfação (FREUD, 1915/2013).

Ao introduzir o conceito de libido em sua teoria da sexualidade, Freud (1920-1923/2011) afirma que a libido é a expressão dinâmica da pulsão na vida psíquica; esta energia está posta nas relações com o Eu e com os objetos. Sobre esta relação dinâmica afirma “[...] o Eu deve ser visto como grande reservatório de libido, do qual esta é enviada para os objetos, e que está sempre disposto a acolher a libido que reflui dos objetos” (*Ibid.*, p. 305).

### 2.1.1 NARCISISMO

É válido destacar esse importante conceito da psicanálise, o narcisismo. Em sua elaboração teórica, Freud formula a ideia de que há um investimento libidinal originário no Eu, essa libido é, posteriormente, cedida aos objetos sem, contudo, deixar de se relacionar com o Eu (FREUD, 1914-1916/2010).

Castro (2018) enfatiza a escolha do objeto para o qual o sujeito demanda sua libido. Se esta for constituída a partir de uma base narcísica, ou seja, uma escolha baseada na identificação do sujeito com o objeto, ocorrendo uma ruptura entre o Eu e o objeto, a carga libidinal antes direcionada ao outro passa a buscar um novo objeto amoroso; face ao processo de não se abster da relação com o objeto, esta carga libidinal se volta para o Eu. Um conflito tensional marca esse processo e a ambivalência afetiva revela-se presente; ou seja, o sentimento de ódio, parte integrante desta ambivalência, antes direcionado ao objeto amoroso retorna ao Eu.

Segundo Santos e Migliavacca (2019), é justamente o narcisismo que não permite ao Eu desaparecer-se do objeto perdido, devido ao vínculo que precede à perda ter sido constituído narcisicamente.

## 2.2 AS PERDAS OBJETAIS

As perdas objetais vivenciadas na afecção melancólica não são, necessariamente, de caráter real; Freud observa que essas perdas acontecem, em algumas ocasiões, de maneira ideal. Ou seja, não foi o objeto real que se perdeu, mas sim o objeto foi perdido como objeto amoroso. Nestes casos, a perda se subtrai a consciência; mas há casos, argumenta Freud, em que o doente tem conhecimento do que perdeu, no entanto permanece a incerteza do que se perdeu nesse alguém (FREUD 1914-1916/2010).

Desta forma, Santos e Migliavacca (2019), observam que no melancólico o apego ao objeto caracteriza-se pelo temor de que, perdendo o objeto, o sujeito perca-se com ele.

De acordo com Mendes, Viana e Bara (*apud* Alves, 2018, p. 63) “[...] a melancolia se apresenta como resultado de uma perda da libido do sujeito, ao perder o objeto de amor idealizado”. Manifesta-se, na perda melancólica, o predomínio da realidade interna em detrimento da realidade externa.

Alves (2018) expõe o problema da temporalidade enfrentado pelo Eu a partir da perda do objeto idealizado na melancolia. Sendo o inconsciente atemporal, e esta perda ocorrendo em um nível inconsciente, logo o sujeito não tem a possibilidade de temporalizar a perda e mensurar por quanto tempo haverá o desinvestimento libidinal no objeto agora internalizado. Por fim, o trabalho da melancolia promove, segundo o autor, uma modificação da relação com o objeto e não o seu encerramento.

Segundo Freud (1914-1916/2010), o processo normal frente uma perda caracteriza-se pelo deslocamento da libido investida no objeto para um novo objeto. No entanto, na

melancolia esta libido retorna ao Eu e lá, estabelece uma identificação do Eu com o objeto abandonado. “Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu”.

Em suas colocações sobre as perdas vivenciadas por todo sujeito ao longo da existência Viorst (2005) sugere que essas experiências estão sempre relacionadas a uma perda original, que em sua compreensão refere-se à conexão mãe-filho.

No seu ponto de vista:

[...] antes de começarmos a experimentar as separações inevitáveis da vida cotidiana, vivemos num estado de identificação completa com nossa mãe. Esse estado ideal, esse estado sem fronteiras [...] esse isolamento a prova de frio, de solidão e das intimações de imortalidade. [...] É o que chamamos de bem-aventurança (VIORST, 2005, P. 33).

Essa lembrança do paraíso será sempre reconhecida pelo sujeito como tempo de harmonia e integração que precede a perda original; essa perda para o Eu possui um caráter de rompimento irrevogável (VIORST, 2005).

### **3 MELANCOLIAS: PERCURSO HISTÓRICO E COMPREENSÃO PSICANALÍTICA**

#### **3.1 MELANCOLIAS**

A melancolia está presente na história humana em diversas épocas, culturas e o seu tema foi abordado durante séculos por saberes distintos; da medicina a filosofia e chegando a psicanálise. Segundo Peres (2010), encontra-se na teoria dos humores de Hipocates a ideia de que as doenças seriam uma decorrência das variações dos humores e do equilíbrio entre quatro substâncias: a bÍlis negra, a amarela, o sangue e a pituíta. A melancolia é causada pela alteração da bÍlis negra e caracterizada pelo medo e pela tristeza.

No campo da filosofia, Aristóteles propôs a relação entre genialidade e loucura, sendo a melancolia decorrente de uma predisposição natural do organismo. Partindo de ideias que relacionavam fatores climáticos, místicos e biológicos como responsáveis pelo humor; esta concepção acaba retirando a melancolia do campo das doenças e inserindo-a como algo inerente à própria natureza humana. A relação entre melancolia, genialidade, filosofia e literatura é defendida por alguns até os dias atuais (*Ibid.*).

Na Idade Média chegamos a uma concepção paradoxal da melancolia, se por um lado Solomon (2018) aponta que a melancolia era tida como uma doença nociva que afastava o homem do sagrado devido à percepção de que o melancólico não estava embebido da alegria, o que caracterizava um desconhecimento do amor e da misericórdia divina. Por outro,

Peres (2010) observa que o cristianismo mantém desde suas origens um culto à melancolia, e em seu misticismo vê a experiência da acedia como uma prática que conduz o homem a Deus.

De acordo com Peres (2010), foi a partir dos trabalhos de Pinel e Esquirol, que a melancolia ganha sua nosografia, e dos trabalhos de Kraepelin sua mais completa descrição clínica da época e a ênfase em uma psicose maníaco-depressiva; fecha-se a teoria dos humores, bem como a ideia da melancolia como sendo uma doença da grandeza da alma e seu caráter sublime entra em declínio.

Conforme Solomon (2018), a partir das correspondências entre Freud e Fliess (1895), o inconsciente entra em cena e a melancolia passa a ter um novo local e uma nova causa em detrimento da alma. No entanto, a primeira descrição da melancolia na psicanálise vem de Karl Abraham (1911). Pontuando a analogia de Abraham entre ansiedade e melancolia, Solomon observa que enquanto a ansiedade está voltada para perspectivas futuras a melancolia se relaciona a um desalento sobre algo que aconteceu no passado do sujeito.

### 3.2 O ESTADO MELANCÓLICO

O conceito de melancolia na teoria psicanalítica pode ser compreendido se traçarmos um paralelo com a ideia de luto. De acordo com suas observações clínicas, Freud percebe que a melancolia e o luto possuem características em comum e pontua “A associação de luto com melancolia mostra-se justificada pelo quadro geral desses dois estados” Freud (FREUD, 1914-1916/2010, p. 171)

Entretanto, Freud suspeitava que nos melancólicos existisse uma predisposição patológica, diferentemente do luto, o qual enfatizou que jamais ocorria caracteriza-lo como algo patológico e que o mesmo é um processo que com o tempo será superado, sendo inapropriado e prejudicial perturbá-lo (*Ibid.*).

Freud pontua algumas características da melancolia, este quadro pode se repetir nos casos de luto, com exceção à diminuição da autoestima, característica presente na melancolia e que falta na experiência do luto, diferenciando assim esses dois estados.

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição (FREUD, 1917/2010, p. 172).

Freud destaca em suas observações que a melancolia provoca no sujeito um “extraordinário rebaixamento da autoestima, e um enorme empobrecimento do eu”. Este vazio

que para o enlutado encontra-se no mundo externo, para o melancólico está no próprio eu (*Ibid.*).

Para Castro (2018), o melancólico é o sujeito relutante à perda e sua dor está vinculada a um sentimento de abandono e desamparo; essa perda, que escapa a consciência, é vivida em profundidade, mas, no entanto, falta clareza acerca daquilo que se perdeu.

O melancólico apresenta em seu discurso uma concepção do Eu como sendo indigno e desprezível, sem valor diante dos outros; essa visão de si, incapaz de perceber mudanças sucedidas, estende sua autocrítica ao passado com afirmações de que jamais foi melhor. Denominado como delírio de pequenez, de predomínio moral, esse estado é acompanhado por insônia, recusa alimentar e desapego psíquico de todo instinto vital (FREUD, 1914-1916/2010).

Freud (1914-1916/2010) propõe que a melancolia não está relacionada unicamente a casos de perda em virtude da morte; as ocasiões para esta afecção podem ser originadas a partir de ofensas, menosprezo e decepção. Essas situações promovem circunstâncias de amor e ódio, uma relação de ambivalência, a qual é uma das precondições da melancolia.

Sobre a ambivalência Freud destaca:

Assim, o investimento amoroso do melancólico em seu objeto experimentou um duplo destino: parte dele regrediu à identificação, mas outra parte, sob a influência do conflito da ambivalência, foi remetida de volta ao estágio do sadismo, mais próximo desse conflito. Apenas esse sadismo nos resolve o enigma da inclinação ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante – e tão perigosa (FREUD 1914-1916/2010, p. 184).

Em consonância com o pensamento Freudiano, Santos (2019) acentua que uma característica marcante do estado melancólico é a sua potencialidade mortífera que está intrinsecamente ligada aos atos de autodestruição presentes no sujeito melancólico; este aparenta nutrir uma contínua relação com a morte.

## **4 O SOFRIMENTO IMPOSTO PELA MELANCOLIA: O EMPOBRECIMENTO DO EU**

### **4.1 O SOFRIMENTO MELANCÓLICO**

O sofrimento melancólico descrito por Freud é um sofrimento auto imputado. O sujeito que sofre desta afecção trata-se como alguém indigno, incapaz e desprezível; esse comportamento contempla recriminações e insultos a si mesmo. Esse olhar depreciativo sobre si não provém de uma compulsão que conduz ao remorso, mas da falta de amor próprio; o

melancólico carece de vergonha diante das outras pessoas, uma característica marcante deste estado, o que lhe permite uma exposição de si e uma satisfação por esse desnudamento (FREUD, 1914-1916/2010).

Contribuem para esta análise as concepções de Castro (2018), que propõem ao sofrimento melancólico uma característica de dor moral e a possibilidade de essa dor ser ininterrupta. A melancolia, relata, pressupõe uma consciência moral atormentada pelo Super-eu que submete o Ego a um processo de culpabilidade de forma contínua, independentemente da existência de uma culpa real.

Sobre a durabilidade deste sofrimento, a autora sugere:

Poderia ser a melancolia uma dor latente sempre presente no Eu? Sendo nós seres humanos, sempre desejanter de amor, poderíamos trazer o germe da melancolia em nosso ser? [...] O amor é sempre uma necessidade, é sempre uma insuficiência, mas é também o desejo de conquistar e de conservar. O amor é, portanto, um sentimento de busca pelo que nos falta e que nunca se sacia. [...] Trazemos, portanto, essa nostalgia em nosso ser onde, possivelmente, abrigamos nossa melancolia. (CASTRO, 2018, p. 71-72).

Conforme Aires (2019), na melancolia ocorre uma retração da libido provocando um abandono do objeto e a manutenção do amor. Nesse processo, fundado na ambivalência, o amor e o ódio estão presentes na relação com o objeto. A partir da melancolia, esse objeto perdido é substituído pelo processo de identificação e passa a ser alvo de recriminações. Há nessa dinâmica de humilhações e insultos uma satisfação parcial oriunda do sadismo.

Castro (2018) compreende ser a falta do objeto a causadora do sofrimento para o melancólico e a incompreensão desta perda o motivo do aumento da sensação de desamparo presente neste estado.

## 4.2 O EMPOBRECIMENTO DO EU

Freud destaca a maneira como o Eu se apresenta a partir da sua entrada no estado de melancolia. Em suas observações, pontua que o Eu do sujeito melancólico passa a ser visto por ele como estando esvaziado e pobre. A melancolia opera uma cisão no Eu e a parte cindida passa a se contrapor ao Eu tomando-o por objeto e recriminando-o (1914-1916/2010).

Destarte, esta divisão do eu em duas partes, provocada a partir da afecção melancólica, e o comportamento enfurecido da parte que se impõe como sendo a representante da consciência moral sobre a parte identificada com o objeto perdido pela introjeção, revelam uma instância crítica erguida no Eu (CRUZ; RESENDE; REIS, 2019).

Contudo, por meio das observações clínicas em seus pacientes, Freud pode perceber que as críticas e recriminações feitas pelo melancólico muitas vezes sem relação com sua vida faziam referência não ao Eu empobrecido, mas à outra pessoa; alguém que o doente ama, amou ou deveria amar. Ou seja, o objeto perdido, identificado e introjetado ao eu. “De maneira que temos a chave para o quadro clínico, ao perceber as recriminações a si mesmo como recriminações a um objeto amoroso, que deste se voltaram para o próprio eu” (FREUD, 1914-1916/2010, p. 179).

Na dinâmica melancólica o retorno da libido ao Eu, conseqüentemente o ódio ao objeto antes investido, agora perdido, provocam a coação do Eu pelo objeto. A melancolia provoca uma ferida aberta, a qual atrai energias de investimento de todos os lados causando um esvaziamento do Eu e o seu completo empobrecimento (FREUD, 1914-1916/2010).

Na concepção de Solomon (2018), este empobrecimento pode ser entendido como sendo um acovardamento do Eu diante do seu novo acusador e a conseqüente perda de autoestima o rumo processo involuntário. Toda desistência do sujeito frente ao seu desejo é uma desistência involuntária.

Freud (1923-1925/2011) identifica na melancolia um arrebatamento da consciência pelo Super-eu. De acordo com a sua observação o Eu não ousa reclamar essa posição, antes se reconhece culpado e submete-se ao castigo imposto pelo Super-eu. Esta dinâmica é, na melancolia, explicada pelo fato de o objeto alvo da ira do Super-eu ter sido acolhido no Eu por identificação.

## **5 SUICÍDIO: A BUSCA DO OBJETO IDEALIZADO**

### **5.1 O OBJETO IDEALIZADO**

Freud (1920-1923/2011) conceitua a maneira como se procedem as formas primordiais das ligações afetivas. Por meio do processo de identificação com o objeto tomando-o por modelo; ressalta-se que desde o início toda identificação está fundamentada na ambivalência. A esse processo segue-se a introjeção desse objeto no Eu, como uma substituição desse objeto renunciado ou perdido.

Sobre o processo de incorporação do objeto na melancolia Gurfinkel (2017), pontua que a característica desta afecção é a incorporação total do objeto que e anulação da sua existência.

Em suas observações Valle (2018), relata que esta identificação provocaria uma modificação no Eu; em seguida, no processo da introjeção que se elabora no nível da fantasia, estão contidos, concomitantemente, o aniquilamento e a conservação do objeto no Eu. Esse movimento psíquico é a expressão da ambivalência presente nas relações objetais.

Sobre a conflitante relação com o objeto perdido Freud afirma:

Portanto, na melancolia travam-se inúmeras batalhas em torno do objeto, nas quais ódio e amor lutam entre si, um para desligar a libido do objeto, o outro, para manter essa posição da libido contra o ataque (FREUD, 1914-1916/2010, p. 191).

### 5.1.1 A PULSÃO DE MORTE

A introdução na teoria Freudiana do conceito de pulsão de morte em 1920 promoveu uma reviravolta em todo edifício da psicanálise, essa pulsão estaria presente como força primária em todos, engendrando uma luta para a volta destes organismos vivos ao estado de completa inércia (CASSORLA, 2021).

Outra característica da pulsão de morte é a sua ligação paradoxal com a criação. Lacan em seu ensinamento sobre a ética da psicanálise salienta esse aspecto da pulsão de morte e sua relação com uma criação oriunda do nada. Assim, a pulsão de morte apresenta esse dualismo, ao mesmo tempo em que impele para a chegada ao estado do zero absoluto de tensão, busca a criação de algo novo, radical e que parte deste estado zero, extraindo daí a sua força. (JORGE, 2010).

### 5.2 O ÚLTIMO ATO; A BUSCA DO OBJETO IDEALIZADO

Sobre o suicídio Solomon (2018), oferece a seguinte compreensão “o suicídio não é a culminação de uma vida difícil; nasce de algum lugar escondido além da mente e da consciência” (p. 233). Esse processo complexo não pode ser caracterizado pela passividade, mas sim, como fruto de uma ação. Essa ação exige uma grande quantidade de energia somada a uma vontade forte (*Ibid.*).

Em seu artigo sobre um caso de homossexualidade feminina (1920), no qual uma jovem tenta cometer suicídio, Freud assinala que a energia psíquica utilizada para se matar, na verdade está sendo direcionada a um objeto pelo qual houve uma identificação, e o desejo de morte é desejo de dirigido a outra pessoa que hora volta-se contra si mesmo (FREUD, 1920-1923/2011).

Em seus estudos Cassorla (2021), pontua o suicídio como sendo o último ato da vida de um sujeito. “[...] o ato suicida constitui o evento final, fruto de uma complexa rede de fatores que foram interagindo durante a vida do indivíduo, de formas variadas, peculiares e imprevisíveis” (p. 35).

Cassorla esclarece:

O suicida busca, em última instância, escapar de um sofrimento sentido como insuportável. [...] não é a morte que o suicida busca, mas substitutos fantasiados que permitem escapar desse sofrimento. Essas fantasias são predominantemente inconscientes e coexistem de forma peculiar em cada indivíduo (*Ibid.*).

Sobre as fantasias inconscientes Cassorla (2021) destaca um paradoxo, subsistem no suicida as fantasias de reencontro e autopunição. A idealização se conecta com a perseguição, característica oriunda da ambivalência. Essas fantasias equacionam o objeto idealizado a Deus, a experiência da vida intrauterina etc. e se conectam a melancolia, onde esses objetos e suas relações estão carregadas de culpa e punição. O suicídio pode caracterizar concomitantemente o reencontro do objeto e a possibilidade de destruição deste (*Ibid.*).

De acordo com Solomon (2018), a propensão ao suicídio está vinculada a um impulso do sadismo que antes direcionado ao outro, por decorrência da melancolia, é redirecionado ao Eu. A divisão do ego é a maneira encontrada pelo sujeito de internalizar o ser amado e perdido e a possibilidade sádica de ferir o objeto sem o perigo de perdê-lo.

Cassorla (2021) apresenta o suicídio como sendo a busca por um objeto idealizado que foi alvo da identificação do sujeito; esta fantasia por parte do suicida é a forma pela qual, na impossibilidade de imaginação do nada, ele pode ser preenchido por um objeto. Essa busca tem caráter psicótico “o objeto idealizado é fraudulento”. Em sua tentativa de ligar o sujeito, aparta-o da realidade e a substitui por uma mentira.

Reforçando a aproximação do estado melancólico com a psicose Menninger (2018), pontua esse processo de destruição de si como sendo fruto de um abandono da realidade; este afastamento acontecendo de forma extrema, a ponto de se desconsiderar toda a realidade, pode ser compreendido como um estado psicótico.

Na condição melancólica, observa:

[...] a melancolia é às vezes descrita como neurose e não como psicose. Contudo, algumas vítimas da melancolia abandonam toda a lealdade à realidade e podem ser extremamente delirantes e mesmo homicidas. [...] Esse afastamento dos padrões da realidade permite a pessoa psicótica destruir-se de uma maneira singular que não está a disposição de qualquer outra (MENNINGER, 2018, p. 227).

Buscando entender a inclinação pelo suicídio por pessoas em estado melancólico Freud percebe no sadismo um caminho para a solução deste enigma. Pode-se compreender a relação da melancolia com o suicídio a partir das colocações sobre a posição sádica e sua conversão em masoquismo. É a partir da perda do objeto que se engendra uma operação psíquica de abandono do objeto e substituição pela própria pessoa, agora preenchida e identificada com o objeto e a meta da pulsão que antes da chegada a melancolia era ativa passa a ser passiva.

Freud (1914-1916/2010) postula que essa possibilidade está relacionada às ideias homicidas direcionadas a outros que se volta contra si.

A análise da melancolia traz a seguinte compreensão:

[...] o Eu pode se matar apenas quando, graças ao retorno do investimento objetual, pode tratar a si mesmo como um objeto, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que diz respeito a um objeto, e que constitui a reação original do Eu a objetos do mundo externo (FREUD, 1914-1916/2010, p. 185).

## 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo objetivou a realização de uma pesquisa qualitativa explicativa de caráter bibliográfico. Segundo Oliveira, Silvia, Silvia (2021), a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo tem sua característica nos procedimentos de planejamento prévio, os quais visam encontrar soluções para os problemas e objetos da pesquisa.

De acordo com Souza, Oliveira, Alves (2021, p. 2).

A pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas.

A utilização de materiais de fonte primária e secundária possibilitou uma abrangente interação de dados e uma perspectiva mais atual dos tópicos pesquisados.

Mediante a definição do objeto de estudo, foram realizadas pesquisas em sites como Google acadêmico e *SciELO* Brasil. O levantamento do material contou com critérios de inclusão e exclusão baseados nas datas de publicação dos artigos. Para tanto, foram priorizados os trabalhos com data posterior a 2017, o que proporcionou um resultado satisfatório e possibilitou um exame minucioso, amplo e atual sobre os temas propostos no trabalho.

Ressalta-se a importância de a pesquisa ser realizada em sites com credibilidade científica comprovada. Da mesma forma, o registro dessas informações durante a pesquisa é extremamente importante e permite ao pesquisador alcançar o objetivo de selecionar as principais fontes de pesquisa (BRITO; OLIVEIRA; SILVA, 2021).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho foi possível explorar a partir dos conceitos psicanalíticos a dinâmica da melancolia. Para este fim, foram expostos os entendimentos de diversos autores a cerca desta afecção, bem como as suas vicissitudes na vida psíquica do sujeito. A partir dos trabalhos sintetizados neste artigo foi possível compreender a maneira pela qual as escolhas de objeto e a ambivalência que funda esse processo configuram um importante papel para que, a partir das perdas objetais ou de seus representantes ideativos, acontecimentos que são inerentes à condição humana, a melancolia se instale e exerça preponderância nos atos e comportamentos do doente melancólico.

Neste processo, notou-se a maneira como o melancólico vivencia as suas perdas e o modo como esses acontecimentos promovem uma total perda de autoestima devido ao empobrecimento do Eu.

Os estudos aqui expostos destacaram o fato de a melancolia provocar uma cisão no Eu. A partir desse acontecimento uma instancia recriminadora ergue-se para cumprir o papel de inquisidor contra a parte do Eu que fora modificada. Estas recriminações foram explicadas pelo processo de identificação com o objeto e sua conseqüente internalização, o que faz com que o melancólico dirija a libido que ficou deslocada após a perda do objeto para o Eu. Entra em cena a ambivalência, e o ódio direcionado ao objeto volta-se para o Eu.

Esse processo nos permitiu compreender a relação entre a melancolia e o suicídio e as implicações psicológicas desse ato. Para o suicida a morte é atravessada pelas fantasias relacionadas ao reencontro com o objeto perdido; entretanto, o suicida não deseja a morte, mas sim o fim deste sofrimento imposto pela melancolia. Assim sendo, busca no reencontro com o objeto idealizado a saída para esse sofrimento. Por tanto, observou-se que a melancolia é uma afecção que carrega em si um potencial mortífero, sendo a sua dinâmica psíquica atravessada pela pulsão de morte.

As observações apresentadas possibilitam um olhar para o suicídio como este sendo o resultado de processos complexos. Logo, as discussões apresentadas neste trabalho não pretendem esgotar as possibilidades de entendimento deste ato e seus desdobramentos. Por

tanto, entender a dinâmica psíquica da melancolia e a sua relação com o suicídio nos abre mais uma perspectiva de compreensão e um caminho de possibilidades para se debater sobre essa temática sensível e cercada de tabus.

## REFERÊNCIAS

AIRES, Suely. Uma cena para a perda: vergonha e melancolia. **Discurso**, 2019, v. 49, n.1, p. 101-113, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/159287>>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

ALVES, William Selau. Melancolia: o objeto perdido que me assombra. **Reverso**, v. 40, n. 76, p. 63-67, 2018. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6799068>> Acesso em: 12 de abril de 2022.

BRITO, Ana Paula Gonçalves; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DA SILVA, Brunna Alves. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. **Cadernos da FUCAMP**, Minas Gerais, v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021. Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>>. Acesso em: 11 de maio de 2021.

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **Estudos sobre o suicídio: psicanálise e saúde mental**. São Paulo: Blucher, 2021.

CASTRO, Maria Tereza Mendes de. Melancolia: Desagrado moral para com o próprio Eu. **Conatus: filosofia de Spinoza**, v. 10, n. 20, p. 69-75, 2018. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7037380>>. Acesso em: 13 de abril de 2022.

DA SILVA, Michele Maria; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DA SILVA, Glênio Oliveira. A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativos. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 91-103, 2021. Disponível em: <<https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/45>>. Acesso em: 10 de maio de 2022.

DA CRUZ, Alexandre Dutra Gomes; RESENDE, Dordania de Souza; REIS, Joanna Brown Wetter de Oliveira. A dinâmica psíquica do suicídio sob a perspectiva do desnudamento do Eu na melancolia. **Reverso**, V. 41, n. 78, p. 35-44, 2019. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7872416>>. Acesso em 23 de abril de 2022.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, Minas Gerais, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021, Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>>. Acesso em 11 de maio de 2022.

DO VALLE, Rafael Lopes. A triste trama da identificação em Luto e melancolia. **Em curso**, v. 5, 2018. Disponível em: <<https://www.emcurso.ufscar.br/index.php/emcurso/article/view/188>>. Acesso em 24 de abril de 2022.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios da metapsicologia e outros textos** (1914-1916). Tradução e notas: Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos** (1920-1923). Tradução: Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id, “autobiografias e outros textos”** (1923-1925). Tradução: Paulo Cezar de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Obras incompletas de Sigmund Freud. **A pulsão e seus destinos**. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GURFINKEL, Décio. **Relações de objeto**. São Paulo: Blucher, 2017.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2: a clínica da fantasia**. 1ª Ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MENNINGER, Karl Augustus. **Eros e Tânatos: o homem contra si próprio**. Tradução: Aydano Arruda – São Paulo: IBRASA, 2018.

NASIO, Juan David. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan** / sob a direção de J. D. Nasio, com as contribuições de A. M. Arcangioli... [et al]; tradução: Vera Ribeiro; revisão: Marcos Comaru – Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

PERES, Urânia Tourinho. **Depressão e melancolia**. 3º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

SANTOS, Janderson Farias Silvestre dos. Da mania ao suicídio. p. 333-341. In: **I Simpósio Bienal SBPSP – O Mesmo, O Outro**. São Paulo: Blucher, 2019. Disponível em: <<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/da-mania-ao-suicidio-30450>>. Acesso em: 21 de abril de 2022.

SANTOS, Janderson Farias Silvestre dos; MIGLIAVACCA, Eva Maria. Reflexões conceituais sobre a metapsicologia do suicídio do melancólico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 53, n. 4, p. 117-132, 2019. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2019000400008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000400008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 22 de abril de 2022.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio dia: uma anatomia da depressão**. Tradução: Myriam Campello – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VIORST, Judith. **Perdas necessárias**. Tradução: Aulyde Soares Rodrigues – 4 ed. – São Paulo: Melhoramento, 2005.